ANEXO H – EXEMPLARES DE TEXTOS REDIGIDOS POR PROFESSORES DE LP
Pergunta ao (á) Professor (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja lê) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Este é relativo: independente dos modos sociais, o hábito de leitura é adquirido desde a infância de acordo com os pais, tendo histórias infantis, contos de fadas e fábulas, e que faz com que os alunos tenham o gosto pela leitura.
Há casos de jovens filhos de pais muitas vezes não alfabetizados, que vem de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, com escolas mal equipadas, sem acesso a boas bibliotecas e sem tradição de prática de leitura, que surpreendentemente se constituem leitores ávidos, que leem porque desejam e não apenas para cumprir uma tarefa escolar.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, de bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

A inteligência é um presente de Deus, a cada um de nós. É a independência de condição social. Por isso acredito que o processo leitor, dentro de cada um de nós, se desenvolve de acordo com os interesses e objetivos de cada cidadão e também com o modo como o mundo enxerga o mundo a sua volta.

Além disso, a ciência, mais especificamente a neuropsicologia descobriu que temos uma área do cérebro específica para a leitura, independentemente do meio social em que a pessoa nasceu e vive. Daí o cidadão, mesmo sem ter uma condição econômica boa que possibilite-o a comprar livros ou participar de ambientes voltados para a leitura, se torne um excelente leitor. Assim como também, não é garantia para que os "bem nascidos" com acesso a boas escolas e ambientes cultos se tornem "devoradores" de livros.

Somos seres complexos e diferentes. Pensamos, enxergamos e recebemos uma informação distintamente um do outro. É o que faz a diferença no nosso processo leitor: são os nossos objetivos, os nossos esforços e a nossa capacidade de imaginação e não o "vil metal".

Ler é sonhar, fantasiar e transformar a realidade.
PERGUNTA AO (Â) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lá porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Gostaria de contar, rapidamente, a minha própria experiência com a leitura, assim como a dos meus filhos:

Vivi, ela, uma família bem pobre, so teve contato com a leitura na escola. Em minha casa não se lia, nem tampouco havia livros.

Eu passava minhas férias em Assis, cidade do interior paulista e fui lá só na adolescência, que comecei a ler. Nossos tios tinham livros e revistas, e eu ficava encantado com aquilo. Um dia, terei da leitora "Gabriela", "bravo e belo", e depois disso, não parei mais de ler.

Mas não fui deixar de citar dois meus professores de português, grandes estimuladores do mundo da leitura.

Assunto ainda, que meu pai era apaixonado por cinema (mais pela, heia, muitos especializados nos bairros), e eu estava sempre com ele, ambas, me leu que, além do meu, criança, perguntava a ele quem
Vira o mocinho e o bandido na tela.
Assim, acredito que, além de uma predestinação ao gênero pelo leitor e
intuição da sensibilidade e a oportunida-
de de ser estimulado - seja pela fa-
mília, seja pela escola ou até por ter
contato com outro tipo de manifestação
artística (cinema, teatro, música...), me leva
torna-lo uma leitura visual.

Meus três filhos já tiveram uma
infância e adolescência cercadas de
livros, livros, sempre viram
os pais - tanto eu quanto o meu
marido - lendo de tudo (e, mais
voltada a literatura, leu, um grande
leitor, de jornais e revistas liga-
das à política, principalmente).
Assim como eu, meu marido também
ambas gostou do cinema. No entanto,
meu filho menino filho sintético, não
tampouco, exceto o do meio que é
da mesma área que eu, historicista.

Agora, como profissional (tecnico litera-
tebre há quase 30 anos), acredito que
é muitíssimo importante que o aluno
que seja dado a oportunidade de desen-
volver, a sua sensibilidade através
de vários tipos de linguagens, que
não só a visualmente (cinema), assim
como música. Também com leitu-
rias mais curtas, levando-os
da perceber o quanto visualização e se
emocionar com o que está lendo e
transformados. Precisar passar para eles
o quanto o conhecimento precisa passar

Professor (a), muito obrigada.
pela emoção.

Digo sempre a eles – principalmente aqueles que vão fazer vestibular:
Ver ou ouvir resumos de livros pode servir para uma avaliação pontual, até pode ajudá-los a resolver algumas questões.

Mas depois de alguns dias, nada sobra dentro deles. Eles jamais viraram as fitas, nem sentiram as dores e alegrias dos personagens. O que se leu só começo ao fim ficaria marcado para sempre no universo mental deles; ninguém é o mesmo depois de ler, realmente, um bom texto.

E, finalmente, gostaria de frisar que é imprescindível que o próprio professor também tenha oportunidades para falar mais em dia com suas leituras. Ao assim pode passar com entusiasmo e emoção devida a que o deu para o seu aluno e demais pessoas.
PERGUNTA AO (Â) PROFESSOR (Â)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Para responder à pergunta, primeiramente devo pensar na maneira pela qual eu me tornei leitor. Depois, tentarei entender a questão do ponto de vista de um professor.

Incluo-me na categoria dos jovens que vêm de camadas populares, cujos pais são pouco escolarizados e não apresentam relação com a leitura. Houve duas situações que determinaram minha paixão pelos livros: uma delas está relacionada à minha irmã mais velha, que lia e não gostava que eu pegasse os livros que lia. A outra foi por ocasião de uma visita à biblioteca da escola, junto com minha turma e com a professora. Não poderia dizer que as situações foram o estopim para acender o gosto pela leitura; contudo são importantes, ao menos para mim, para entender como se deu o processo.

Acho que ter irmãos mais velhos (eu sou o quarto de cinco irmãos), todos em idade escolar, despertou em mim um gosto pela escola. Sempre quis estudar na escola que meus irmãos estudaram, queria fazer as coisas que eles faziam. Quando entrei para a escola foi minha primeira realização. No entanto, e obviamente, meus irmãos sempre estavam à minha frente, de modo que sempre permanecia o desejo de alcançá-los. E a terceira irmã da escola gostava de estudar, além de ler. Eu me espelhei muito nela.

Quando aprendi a ler e a escrever, dizia que queria ser escritor (isso com nove anos de idade). Escrevia muitas estorinhas, plagias dos desenhos que assistia. A apelo pela leitura, porém, veio depois: aos onze anos roubava os livros que minha irmã pegava na biblioteca; aos doze, na então sexta série, a professora nos levou à biblioteca e eu peguei um livro para ler porque estava sozinho, pois havia brigado com meu melhor amigo. Como não poderia levar o livro para casa (a bibliotecária voluntária não estava) tive que voltar no dia seguinte para fazer o empréstimo e terminar o livro. Deste livro em diante comecei a ler sem parar: sempre que terminava um começava outro. Meu irmão mais velho trazia livros para mim da escola que ele estudava e eu lia lendo. Acho que lá para me diferenciar dos meus colegas. Lembro que me exibia um pouco com os livros.

Hoje, como professor atuante em escola de periferia da zona sul de São Paulo, fico pensando nos motivos que fazem alguns alunos se interessarem por livros e outros não. Tenho muitos alunos leitores (em sua maioria meninas), que leem, inclusive, livros que sequer estão na mídia (uma aluna minha pediu certa vez minha edição do livro "Preconceito linguístico: o que é, como se faz", que havia levado à sala em uma aula que falei a respeito do tema do livro). Entendo a importância de se ter o contato com os livros mas, para alguns, o processo parece natural, sem a necessidade do estímulo.
Ainda que tenha consciência da minha constituição em sujeito leitor, não consigo ter uma resposta clara à pergunta. Sinceramente, não sei o que leva jovens inseridos em ambientes que seriam, a princípio, desestimuladores, a se tornarem leitores. Pode ser que a resposta esteja justamente aí: se não há muitas possibilidades de diversão, entretenimento, quando surge a oportunidade de fazer algo diferente – o livro da irmã, a visita à biblioteca – o sujeito mergulha neste universo.

Por outro lado, ampliando a questão e me permitindo algumas inferências, penso que há, de modo geral e independente do ambiente, poucos leitores. Não conheço o universo das escolas abastadas, mas imagino que nelas não haja tantos mais “bons leitores” quanto na escola em que leciono. Há, em ambos os lugares, aqueles que, de alguma forma, identificam-se com o livro, como há os que se identificam com jogos, ou com música (tenho muitos jovens músicos que não leem). A diferença, nestes casos, será na manutenção destas paixões. O jovem rico que se interessa por livros poderá comprá-los quando quiser. O jovem pobre dependerá de muitos outros fatores. Se o acesso for difícil, é possível que sua paixão seja desestimulada.

Considerando a minha relação com os livros, apontaria uma resposta possível: no fundo, a questão não está no ambiente em si, ainda que ele possa ou não ser estimulante para o desenvolvimento da paixão pela leitura, mas na trajetória pessoal e na identificação do sujeito com o objeto (que poderia ser outro que não o livro). Talvez haja no ser humano, como vai dizer Antonio Candido, uma necessidade de efabulação, independente da classe social. Alguns vão dar vazão a esta necessidade pelo esporte, pela música, pelo teatro (tenho alunos que fazem teatro), outros vão para os livros.
PERGUNTA AO (Ã) PROFESSOR (Ã)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Bepeda Jan Paula

Na verdade, não foi ao certo o que fiz os filhos a se tornarem grandes leitores. Fiz a impressão que aqueles que faltam fizeram com essa que deprição. Por exemplo, quando meus filhos eram crianças lia muito para eles, comprava livros, levava-os em férias e hoje, os adultos sofrem um contínuo leitura, o outro passa longe de livros.
O mesmo acontece aqui na Escola André Cortez onde fazemos um trabalho activo com os alunos das quinzenas. Temos plantas a florescer pelo gosto da leitura, com projetos, competições, dia da leitura, enfim, todos têm um desafio, mas nunca onde os jovens preferem ficar no internet, conversar com os amigos on line e usar o recurso dos celulares mais modernos. Como mãe e professora tento fazer a minha parte e o que percebo é que confirme ele (ela) não cresce e chegam numa idade que são poucos continuam lendo.

Mas, sempre vale a pena tentar.

Um abraço.

Professor (a), muito obrigado(a)
Eu também vim de uma família simplicíssima, moradora em lugar rural da cidade de Vila Pires, e meu pai não tinham acesso à leitura, nem a mim, sempre me incentivavam a estudar.

Apesar das dificuldades apresentadas, não há como eu chegar a conclusão de que nenhuma aula de história e me encontrar nunca leria o caminho para o sucesso, inclusive consegui entrar na usp e ali tentei as disciplinas de mestre em filosofia. No entanto, ser leitor depende da sua força de vontade e determinação, e no meu sempre se esquecer em alguém bem próximo à você que tinha interesse em me levar até a ler. No meu caso, foi o meu irmão mais velho que lia periodicamente a literatura dele, propondo para nós, durante as noites antes de dormir, eu viajara no estrangeiro, um livro de fantasia, por exemplo. Ele era o responsável por me incentivar a ler. Gostava pela leitura, naturalmente, de misturas de ideias, de aventuras, e diversas possibilidades que o mesmo tem, e esse fez com que aprendesse com muito, não há dificuldades finais, e nem a falta de leitura na infância. Sempre a tudo isso, bem o computador e a tablet, e tudo, inclusive resumos de obras clássicas e outros, aliado ao leigo.

Professor (a), muito obrigado!
PERGUNTA AO (À) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas, com escolas mal equipadas e, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Eu acredito que, além da valorização dos pais pela alfabetização, tal fato ocorre devido à quantidade de meios de entretenimento disponível.

No primeiro caso, nota-se, geralmente, a valorização dos pais quanto a alfabetização e educação dos filhos (ignorando algumas variantes sociais, considerando que, mesmo entregue a uma realidade violenta, o jovem não foi "seduzido" por essa realidade). Um jovem nesse meio deserto apresenta limitação de meios de entretenimento. Com isso, a leitura acaba sendo seu modo de "desligar-se" do mundo, da realidade materialmente cäsassa.

No outro caso, a importância da alfabetização e educação é reconhecida, mas não tão valorizada como no primeiro caso. Com a abundância de meios de entretenimento, principalmente os mais tecnológicos, se mostram mais atraentes, cabendo a leitura uma prática menor, quase que obrigatória.

Ultimamente, com a facilidade de acesso à tecnologia, muitos jovens tem abandonado a leitura e apresentam, cada vez mais, dificuldades causadas pela falta da prática de leitura.

Outro ponto importante ressaltar é que, no primeiro caso, a educação é vista como meio de as-
ascenção social, por isso que é mais valorizada; enquanto que, para o segundo caso, a ascenção social não é objetivo e a educação é apenas a manutenção de um status para os pais, que, para os jovens, é uma estrutura consolidada, anulando o aspecto de manutenção.

Professor (a), muito obrigada!
Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Na condição de educadora, pensei em muitas respostas para esta questão mas a que mais insistia em se destacar era a de minha própria experiência de vida. Meu pai não era alfabetizado e minha mãe tinha apenas o chamado primário (4ª série). Eles não tinham hábitos de leitura, pois trabalhavam muito para sustentar a família e ter uma moradia. No entanto, meu pai sempre me pedia para comprar um jornal para saber as notícias de sua terra natal (Exu-PE). Naquele época em Exu, havia muita disputa política e meu pai acompanhava como se estivesse lá. Ele dizia: "Sinha, lá só a parte do Exu." (Sinha era como me chamava).

Eu lia o que ele queria e quando eu terminava ele ficava discutindo sozinho e às vezes me pedia para ler novamente a mesma notícia. Eu obedecia, é claro!

Depois disso, ele ficava olhando o jornal como se soubesse ler e algumas vezes eu o surpreendia olhando o jornal de cabeça para baixo. Isso me deixava com o coração apertado e então eu começava a ler algumas notícias que achava interessante para os adultos. E meu pai dava sua opinião para cada uma como se fosse comentarista. Não era um diálogo mas eu me sentia feliz em poder ajudá-lo.

E passei a ler jornais e revistas para discutir com ele aqueles assuntos de adultos. E gostei! Eram histórias diferentes, informações interessantes e descobri também as pequenas trinhas que me faziam rir.

Comecei a me sentir importante pois através da leitura conheci muita gente, muitos lugares e a sensação de que sabia mais da vida do que muita gente que não lia. E meu pai falava das notícias para os amigos como se ele mesmo tivesse lido. Dizia: "Eu li hoje no jornal rapazi!" E eu ficava orgulhosa porque sabia que não era verdade mas a leitura, de certa forma, nos conferia status.

Ninguém me disse que ler era importante; nem mesmo na escola pois naquela época, a escola ensinava o aluno a ler bem. Se preocupava com entonação e oratória mas não com o prazer da leitura. Descobri a magia da literatura quando comecei a fazer magistério e me encantei com "O menino do dedo verde". E quando fizemos teatro com "Alice no País da Maravilhas" me senti num mundo encantado bem diferente da infância que tinha.

Enfim, acredito que o prazer pela leitura já está no coração das pessoas mas é
leitura é sedução, é conquista e descoberta.
Na minha prática, eu só considero bom leitor aquele que longe do ambiente escolar lê por prazer. Aquele que "compra" livros, que tem um autor preferido, um gênero preferido... Esse leitor não vai ler só o que a professora pede nem o que está na moda (os livros em série H. Potter, Crepúsculo, Ladrão de raios...), ele incorporou a leitura como prazer.

Vejo que há um movimento sim de jovens que leem o que "não é exigido pelo vestibular" e muitos deles estão centrados em obras que, a meu ver, foram escritas para se transformarem em produtos de consumo além das páginas dos livros e viram filmes que vendem camisetas, varinhas e tudo o mais. Estabelecem um diálogo que vai além das páginas dos livros e continuam nas redes sociais, em sites, blogs que incentivam inclusive a leitura e a autoria de trechos (os
fanfics). Os leitores fãs promovem encontros com outros fãs que se apresentam fantasiados.

É evidente que a vontade de sonhar não tem classe social e o marketing dessas obras mexe com o imaginário de jovens que sonham com o primeiro amor, por exemplo, mesmo que seja com um vampiro ou tornam-se solidários a personagem como Harry Potter que representam um universo frágil. Representam aquele grupo de jovens que são esquisitos, sozinhos, de pais separados. Os jovens vão lendo e indicando para os amigos. Tive a oportunidade de assistir a jovens que leram Harry Potter em inglês, porque os pais traziam dos EUA e aqui o traduzido às vezes demorava seis meses para chegar às livrarias.

Na escola particular é mais fácil perceber este movimento. O livro é um bem de consumo que tem um preço que muitas vezes só é para uma classe que pode pagar pelo produto. Produto de luxo. Lazer de luxo. Na periferia, os poucos alunos que leem, leem porque pagam livros na Biblioteca das escolas, as patroas dos pais doam e poucos compram em sebo ou nas bancas de jornal.

As Bibliotecas das escolas públicas e municipais não abrem para a comunidade e, normalmente, são espaços pequenos e entulhados de livros que nem sempre são de autores modernos (JKHolling, por exemplo). Há uma bibliotecária (professora adaptada) que não tem formação
para o trabalho com os livros e muitos alunos acabam desanimando de pegar qualquer obra, muitas vezes ainda, porque a biblioteca não abre sistematicamente nos mesmos horários e dias. São muitos os problemas. Esses alunos nadam contra a maré. Muitos desses alunos não conseguem incorporar a leitura como fonte de conhecimento e de prazer. Sinceramente, não vejo este movimento de leitura nas escolas da periferia em que eu leciono (EMEF PROF.ª Isabel Vieira Ferreira –Parque Primavera– e EE Martins Pena – Americanópolis– / Zona Sul de São Paulo).

O que presencio é o seguinte: no ensino fundamental, alguns alunos fazem fila para ler o único exemplar do romance do momento (Ladrão de Raios), muitos levam o livro para casa confessam que não leram, mas ficaram com o livro em casa, talvez seduzidos pelo filme ou talvez para fazer parte de um grupo que dialoga. Na escola da periferia há muita violência, portanto é importante fazer parte de um grupo que sonha, que lê, pois isto é uma forma de sobreviver. Esses jovens nunca foram a uma Biblioteca fora da escola e dependem exclusivamente dos professores para inseri-los num universo cultural. Eles só têm as ruas e as lajes para algum lazer. Os que moram perto de Alguns CEU têm uma oportunidade maior.

Os jovens que têm poder financeiro privilegiado ganham livros, compram livros, têm livros a disposição na biblioteca
da sua escola particular, mas muitos, a grande maioria, são filhos de pais que não são leitores. Muitos pais não incluem em seus passeios "pelo mundo" visitas a museus, teatros...
Não é a toa que o Brasil tem batido recordes de consumo no exterior. Um consumo que não é o livro. Esses jovens também dependem do professor para inseri-los num universo cultural. Os pais são leitores informais, pois não incluíram em seu lazer a leitura de uma obra comprada e escolhida simplesmente por ousadia. Assinam a VEJA e isso basta.

Percebo, portanto, uma vontade de leitura, mas não é por qualquer obra e os jovens da periferia assim como os privilegiados estão longe de serem leitores avidos. Não saberia quantificar os alunos que leem mesmo, mas são poucos. Infelizmente, a grande maioria lê para a professora. Ler é maneira de dizer, porque hoje temos resumo de todas as obras na internet, mas isto é uma outra pergunta. Leem o resumo, mas não leem a obra na íntegra? Correm o risco de um resumo falho, mas não se aventuram a obra na íntegra?
PERGUNTA AO (Â) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

O hábito da leitura dos jovens não depende apenas das condições financeiras da família. Tudo bem que essa pergunta é super ampla e que dificilmente conseguiria dar conta dela em apenas duas páginas. Não sei se daria conta dela nem em uma vida.

Primeiramente, uma coisa é fato: as pessoas não se tornam leitores do dia para a noite e as crianças não vão começar a ler um livro complexo. Antes, passam pela etapa dos gíbinhos, dos livros curtos e com bastante ilustração e precisam da mediação de uma pessoa mais proficiente na prática de leitura.

Se eles tiverem esse ambiente favorável em casa, com um familiar ou babá, ou sei lá quem, é claro que eles chegarão à escola com uma facilidade, já acostumados, de verem num ambiente letrado. E quando menciono o ambiente letrado não me refiro a uma casa que tenha livros, simplesmente, como se o amor pela leitura surgisse assim, por geração espontânea, por osmose. Mas a uma casa que seja capaz de envolver as crianças afetivamente na leitura.

No entanto, essa realidade não é vivenciada pela maioria das crianças. Cabe, então, à escola trabalhar o amor pela leitura e pelos livros. Mas, para isso, é necessário que a mediação seja feita por um professor afetuoso, que apresente às crianças bons livros, um professor capaz de cativar-las, que leia para elas.

E não acho que isso caiba apenas aos professores de português, não, mas a todos os professores. Afinal, as leituras abarcam todos os conteúdos, podem ser exploradas nas aulas de história, ciências, português. Digo que até na matemática, com os contos de "Malba Tahan: o Homem que Calculava".

Lá, certa vez, que a biblioteca costuma ser espaço para os já agradados com um ambiente familiar leitor. Refleti sobre isso e percebi que há uma grande verdade nisso. Afinal, mesmo na escola pública, o aluno teria que tirar foto 3X4 e levar comprovante de residência para conseguir fazer a carteirinha. Já
tinha que estar motivado a ler, não?

Pensando nisso, fiz um apelo aos meus amigos nas redes sociais e consegui uma doação de revistinhas da Turma da Mônica e de outros livros infantis. Ah, que alegria! Os livros eram de um amigo meu, que fez materna, pré e o ciclo I comigo. Eu já havia doado os meus há muito tempo, mas os livrinhos dele estavam guardados havia mais de 15 anos.

Levei um gibis para cada um dos meus alunos das 5as séries (ao todo, são 105). Falei para eles que iríamos começar uma brincadeira e que a tarefa deles era ler o gibis, anotar numa folha de caderno o nome da primeira historinha do gibis, com quem trocou e quando acabou de ler e depois trocar com um colega. Eles poderiam escolher entre trocar com alguém da classe, de outra sala ou até com algum amigo da rua. O importante é que eles nunca estivessem sem um livrinho ou gibis na mão. Eu também levo livros pra trocar com eles. Fui levando livros um pouco maiores e mais complexos. No final do mês, contamos quantos livros e gibis cada classe havia lido e, para comemorar a leitura, fizemos uma “festa do livro”, com refri, doces e salgados.

Essa ideia de apenas fazer a contagem dos livros foi proposta num livro que eu li para um concurso que prestes. Agora não me lembro qual. Eu sempre busco aproveitar as bibliografias de concursos que presto para repensar minha prática em sala de aula.

A autora Isabel Solá, que escreve sobre os hábitos de leitura, deixa claro que devemos trabalhar com os alunos a capacidade de inferir o que poderá ocorrer no livro que estamos lendo. Devemos, então, construir hipóteses, testá-las e ver se elas se comprovam ou não e, caso elas não se comprovem, que efeito essa quebra de expectativa deu ao texto e à nossa leitura.


Mas a questão da leitura ainda é vista de maneira ultrapassada nas escolas. Obrigam o aluno a ler um livro (escolhido pelo professor ou outro superior), a fazer testes de verificação de leitura e ainda atribuem uma nota ao aluno. Em vez de encorajar, parece que afasta ainda mais o aluno.

Já o Estado, dá o Kit com 5 livros para cada aluno. O problema é que não avisam quando o kit vem, normalmente é lá por novembro e não dão os livros pros professores. Nós devemos poder ler os livros, sugerir que a leitura seja feita pela classe ao mesmo tempo. Quando os alunos leem algum livro, a empolgação de alguns acaba por mobilizar os demais. A gente pode reservar um espaço para a leitura e também para conversar sobre as leituras que cada um está realizando.

Não sei se eu respondi à sua pergunta. Ela foi tão abrangente, que acabei me perdendo. Quis dar exemplos que abordassem a sala de aula, porque não
adianta a gente ficar falando das famílias e de coisas que não irão mudar. Apesar das dificuldades, pode surgir o amor pelos livros, sim. Acho que a chave é a afetividade.
PERGUNTA AO (A) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Eu, como professor(a) da Sala de Leitura, considero interessante esta pergunta, pois trabalho com crianças de 5º a 8º anos e observe que, para se tornar um leitor ávido, não necessariamente precisa ser da família favorecida e que tenha acesso a livros com facilidade, como livrarias, bibliotecas, etc.

Na Sala de Leitura, um trabalho não é uma maioria de família, desfavorecida (com alunos frequentemente interessados) e que se têm acesso a livros na Sala de Leitura da escola. E eles se interessam de forma natural, sem serem forçados à leitura. Procuro fazer a leitura com eles de forma descontradida e divertida para que não sintam forçados à leitura. Há um projeto de leitura "Centopeia", que leva o aluno a se interessar pela leitura de forma progressiva e, com o apoio ao
professores da língua portuguesa.

Na medida do possível, eu e os professores entendemos que a leitura é uma extensão da memória e da imaginação e não deve exigir esforço.

Este projeto tem como prática desenvolver de forma natural o ato de ler e fazer dessa leitura um hábito de conhecer, aprender e transformação da informação recebida.

O referido projeto mobilizou nossa escola desde a sua implantação e vem dando resultados positivos a cada dia. Percebemos que tal momento está contagiando os jovens, fato este que nos deixa esperançosos e nos aponta expectativas concretas.

Professor (a), muito obrigada!
PERGUNTA AO (A) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Caso não fosse pouco polido eu responderia – direto – que é porque a escolha de ser ou não leitor não reside no outro, nem tão pouco nas condições em que o indivíduo vive o meio, certamente, não influencia tanto o sujeito a tal ponto dele considerar como certo/errado o que os outros fazem, neste caso: ler. Não é porque vejo meu pai ler que vou gostar de ler, não é porque vejo minha mãe cozinhando que me tornarei um chef. Pense assim me parece um pouco colonizador do outro. Em sim, isso é tudo confabulação.

Sou de um lugar bem simples do interior do interior do Paraná, estudiei em escola de zona rural até os seis sete anos, junto com minha irmã quatro anos mais velha que eu. Hoje chamam de sala multisessiada. Alfabetizei-me no final do ano em que havia completado sete anos (som do mês de fevereiro), nunca tive acesso à biblioteca durante, quase, toda minha vida escolar básica. Que eu me lembre tive em uma biblioteca pela primeira vez já estava finalizando o ensino médio aos vinte e cinco anos. Bem atípico para um jovem que vivia em São Paulo, desde os 16 anos.

Meus pais eram semianalfabetos, mas nunca deixaram de contar muitas histórias de tradição oral: Camões e Trancoso eram os mais cotados (a casa mal assimbrada era minha preferida). Lembro que à boquinha da noite, sempre tinha estória do meu pai ou da minha mãe, ou ainda de alguns vizinhos que vinham para uma prosa. Naquela época o tempo tinha tempo. Hoje não.

Acredito que o tempo deve contribuir para elucidar essa questão tão complexa elaborada por você. Nos dois casos o que influencia, grosso modo, é o tempo que as famílias têm para conviver com seus filhos, poucas pessoas dedicam um tempo ao outro na correria do dia a dia, e assim deixam, para terceiros a função de manter os laços familiares, tradicionalmente repassados por meio das estórias de cunho educador-moralizadoras, recontadas tantos nos livros como nas rodas de conversas com os mais velhos. Os terceiros de quem falo é a escola que fica encarregada de fazer com que o jovem (a qualquer custo adquira o hábito da leitura) goste de ler, por meio de técnicas que remetem ao colonizador do outro e pouco atrativas, o que era para ser uma alegria virar uma tortura.

Passado todas essas questões de meio e de convívio familiar os leitores a que você se refere seriam leitores de qualquer modo, estivessem onde estivessem, fossem ricos, fossem pobres, fossem filhos de famílias, tradicionalmente, engajadas com a leitura ou não. Uma questão
lhes coloca lado a lado: a necessidade de dominar o que os colonizadores dos outros dominam, são pessoas que não permitem que suas mentes e corpos sejam, simplesmente, manipulados, eles querem entender o universo que lhes cerca e só a leitura dar conta de fazer essa façanha. Não fiz no início, mas vou fazer agora: desenvolver o hábito pela leitura em qualquer condição, em qualquer espaço, vindo de onde vier, está, diretamente ligado a uma linha da personalidade. Assim sendo:

[...] o dominado não se liberta se ele não vier a dominar aquilo que os dominantes dominam. Então, dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação. (Saviani, 1984 p.59 – Escola e Democracia).

Professor (a), muito obrigada!
PERGUNTA AO (Á) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

Não sei se chegam a constituir casos surpreendentes. Também não saberia identificar em que momento ou contexto se estabelece a significativa relação entre o jovem e a leitura, uma atribuição valorativa positiva do primeiro pela segunda. São aspectos que considero subjetivos. É possível, se quiséssemos aventar uma hipótese, que os jovens "leitores ávidos" apesar de circunstâncias materiais precárias podem, justamente em virtude dessa situação, enxergar um outro universo possível na e pela leitura. Mas essa hipótese precisaria ser investigada. Com relação aos jovens que, apesar de imersos na cultura letrada legitimada e com fácil acesso aos materiais representativos do capital simbólico do conhecimento, não revelam interesse ou envolvimento pela leitura, talvez seja uma escolha, uma rebeldia contra uma cultura pré-estabelecida. Ou talvez uma desvalorização frente a um modelo de leitura que teria se tornado obsoleto e menos atraente dentro do universo tecnológico, por exemplo. Para abordar essas questões, talvez fosse necessário delimitar o que está sendo considerado como "um bom leitor". Seria aquele que realiza leituras literárias em suportes impressos? Ou também poderíamos agrupar nessa categoria aqueles que leem textos de internet, blogs, redes sociais? Ou seriam aqueles que vislumbram na leitura algo mais significativo, relacionado à identificação ou a transformações de diferentes ordens? O que consigo defender, embora em nível superficial de envolvimento com as possibilidades leitoras (já que circunscribas ao âmbito escolar), é que se proporcione a maior quantidade de contato possível com o universo da leitura (conto com textos e livros, leituras individuais, leituras coletivas, leituras mediadas, reflexões sobre leituras, trocas de impressões de leituras etc.). Ainda que para ser descartada, rechaçada, revista ou retomada mais adiante.
PERGUNTA AO (À) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

O hábito da leitura dos jovens não depende apenas das condições financeiras da família. Tudo bem que essa pergunta é super ampla e que difícilmente conseguiria dar conta dela em apenas duas páginas. Não sei se daria conta dela nem em uma vida.

Primeiramente, uma coisa é fato: as pessoas não se tornam leitores do dia para a noite e as crianças não vão começar a ler um livro complexo. Antes, passam pela etapa dos gibis, dos livros curtos e com bastante ilustração e precisam da mediação de uma pessoa mais proficiente na prática de leitura.

Se eles tiverem esse ambiente favorável em casa, com um familiar ou babá, ou sei lá quem, é claro que eles chegarão à escola com uma facilidade, já acostumados, por viverem num ambiente letrado. E quando menciono o ambiente letrado não me refiro a uma casa que tenha livros, simplesmente, como se o amor pela leitura surgisse assim, por geração espontânea, por osmose. Mas a uma casa que seja capaz de envolver as crianças afetivamente na leitura.

No entanto, essa realidade não é vivenciada pela maioria das crianças. Cabe, então, à escola trabalhar o amor pela leitura e pelos livros. E, para isso, é necessário que a mediação seja feita por um professor atento, que apresente às crianças bons livros, um professor capaz de cativar-las, que leia para elas.

E não acho que isso caiba apenas aos professores de português, não, mas a todos os professores. Afinal, as leituras abarcam todos os conteúdos, podem ser exploradas nas aulas de história, ciências, português. Digo que até na matemática, com os contos de “Malba Tahan: o Homem que Calculava”.

Lí, certa vez, que a biblioteca costuma ser espaço para os já agradados com um ambiente familiar leitor. Refleti sobre isso e percebi que há uma grande verdade nisso. Afinal, mesmo na escola pública, o aluno teria que tirar foto 3X4 e levar comprovante de residência para conseguir fazer a carteirinha. Já
tinha que estar motivado a ler, não?

Pensando nisso, fiz um apelo aos meus amigos nas redes sociais e consegui uma doação de revistinhas da Turma da Mônica e de outros livros infantis. Ah, que alegria! Os livros eram de um amigo meu, que fez maternal, pré e o ciclo I comigo. Eu já havia doado os meus há muito tempo, mas os livrinhos dele estavam guardados havia mais de 15 anos!

Levei um gênero para cada um dos meus alunos das 5ªs séries (ao todo, são 105). Falei para eles que iríamos começar uma brincadeira e que a tarefa deles era ler o gênero, anotar numa folha de caderno o nome da primeira historinha do gênero, com quem trocou e quando acabou de ler e depois trocar com um colega. Eles poderiam escolher entre trocar com alguém da classe, de outra sala ou até com algum amigo da rua. O importante é que eles nunca estivessem sem um livrinho ou gênero na mão. Eu também levo livros pra trocar com eles. Fui levando livros um pouco maiores e mais complexos. No final do mês, contamos quantos livros e gêneros cada classe havia lido e, para comemorar a leitura, fizemos uma “festa do livro”, com refeições, doces e salgados.

Essa idéia de apenas fazer a contagem dos livros foi proposta num livro que eu li para um concurso que prestei. Agora não me lembro qual. Eu sempre busco aproveitar as bibliografias de concursos que presto para repensar minha prática em sala de aula.

A autora Isabel Solé, que escreve sobre os hábitos de leitura, deixa claro que devemos trabalhar com os alunos a capacidade de inferir o que poderá ocorrer no livro que estamos lendo. Devemos, então, construir hipóteses, testá-las e ver se elas se comprovam ou não e, caso elas não se comprovem, que efeito essa quebra de expectativa deu ao texto e à nossa leitura.

William Cereja também me faz repensar o trabalho com o texto em sala de aula. Ele mostra outras propostas de trabalho com Literatura. Achei muito interessante. No link a seguir relato um trabalho que desenvolvi com alunos do 2º ano do Ensino Médio inspirada nas sugestões de Cereja.


Mas a questão da leitura ainda é vista de maneira ultrapassada nas escolas. Obrigado a ler um livro (escolhido pelo professor ou outro superior), a fazer testes de verificação de leitura e ainda atribuem uma nota ao aluno. É um jeito de pressionar, parece que afasta ainda mais o aluno.

Já o Estado, dá o Kit com 3 livros para cada aluno. O problema é que não avisam quando o kit vem, normalmente é lá por novembro e não dão os livros pros professores. Nós devemos poder ler os livros, sugerir que a leitura seja feita pela classe ao mesmo tempo. Quando os alunos leem algum livro, a empolgação de alguns acaba por mobilizar os demais. A gente pode reservar um espaço para a leitura e também para conversar sobre as leituras que cada um está realizando.

Não sei se eu respondi à sua pergunta. Ela foi tão abrangente, que acabei me perambulando. Quis dar exemplos que abordassem a sala de aula, porque não
adianta a gente ficar falando das famílias e de coisas que não irão mudar. Apesar das dificuldades, pode surgir o amor pelos livros, sim. Acho que a chave é a afetividade.
PERGUNTA AO (À) PROFESSOR (A)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitura na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

O cultivo da leitura traz ganhos de espaço na sociedade pelo fato de promover-se que se lida com o que está escrito para entender um ponto de vista sobre o mun, nas experiências de leitura e produzir discussões nos textos, sendo a língua se revela na sua totalidade. Entretanto, não se observa uma relação dinâmica e prazerosa entre maioria das pessoas com a leitura, evidenciada da maioria, mesmo o ato de ler caracteriza-se pela dificuldade de codificações línguísticas, como se o texto, de tais encontros da língua, tenha significado em cada palavra. Esse modo empurra-se um intuito de clarificação de signos, visando tão somente à assimilação ou conhecimento científico e consequentemente à reprodução significada.

Isso explica o processo de cultivo feito do modo mais curto por jovens de classe social mais baixa.
e que este fam se tem a oportunidade
de se envolver em mundos tecnológicos
e disputar os casos feios.
O fam se uma classe inferior tem
o mundo decadente pelo leitor. Na sua maioria,
professores que incentivam a leitura muito
estimulada.
Na obra "A arte de ler" de Michelle
Bak, uma visão interventiva, que o
leitor se ve envolvido numa história,
e ser humano fixa de suas conflitos internos.
A leitura além o leão de mundo
novos e assim o mundo se enxerga
em violentos contrastes trabalhados pelo
auto em uma obra.

Marchado de dor, em, uma publicação
chamada. Sentindo de nacionalidade
ficar preocupado com o fórum da um
e leitor atual em nosso país.

Sendo assim as leitores males, piores,
silencioso o homem. Quanto mais
pelo círculo a este mundo de fuga
mais validade. Este exercício prepara leitores
artísticos.

Professor (a), muito obrigada!
PERGUNTA AO (À) PROFESSOR (R)

Há casos de jovens que se tornam leitores ávidos, que leem porque desejam fazê-lo e não apenas para cumprir uma tarefa escolar. São filhos de pais não alfabetizados ou pouco escolarizados e sem tradição de prática de leitura. Vêm de grupos extremamente empobrecidos, de bairros sem condições materiais, sem saneamento básico, sem acesso a boas bibliotecas e com escolas mal equipadas. Ainda assim, surpreendentemente, constituem-se leitores ávidos.

Por outro lado, existem casos de jovens de grupos altamente favorecidos, que moram em bairros com boas condições materiais, que têm facilidade de acesso a livros por meio de livrarias e de bibliotecas, que frequentam escolas consideradas excelentes, que têm tradição de prática de leitora na família e que, ainda assim, não se tornam bons leitores.

Como você explicaria tais casos surpreendentes: o do jovem que se torna leitor ávido (que lê porque deseja ler) apesar de todas as dificuldades que enfrenta e o do jovem que não se torna um bom leitor apesar de toda a facilidade que teria para isso?

A leitura é envolvente, minhas filhas pegaram o gosto por ler, vendo a mãe ler. E nessa época ainda não era professora, apenas gostava de ler, meus pais não tinham muita instrução, mas minha mãe sempre investiu de alguma forma em me formar leitora. Ela por sua vez lia o Evangelho segundo o Espiritismo e a Bíblia e livros que a interessavam e conversavam entre si sobre os temas. Muita cultura, pois procurava na leitura entendimento para suas crenças, não condenando ou aprovando as religiões, mas procurava aprofundar nos temas então descritos tanto no Evangelho segundo o espiritismo quanto a Bíblia, e me ensinou que ler pazerosamente é ler o que se gosta, e se isso for assunto científico repleto de palavras de significados desconhecidos nada vai impedir de você chegar ao fim do livro. Conhecimentos prévios ajudam bastante, mas como chegar a esses conhecimentos prévios? Ler é muito mais, é buscar identidade, você precisa de identidade, de algo que não só chame a atenção, mas que você possa dialogar. Sei disso porque na minha infância lia história escritas por Hans Christian Andersen, Cecília Meirelles, Ruth Rocha, Irmãos Grimm, Fabulas, Philippe Perrenoud, Philippe Perrenoud, Paulo Freire, Antonio Gramsci, mas na adolescência eu lia Karina, fotonovelas, e uma grande gama de horóscopos, capricho e tudo que tivesse cunho “teen”, significa que a linguagem tinha que atender aquele momento. Minha mãe foi a excessão na regra, porque as minhas amigas não tinham mães oferecendo leitura para elas, não gostavam de ler e ainda não gostam, são donas de casa. Sempre gostei de histórias fantásticas, então tudo que Anne Rice escreveu eu li, mas hoje não consigo me identificar com os contos de vampiros escritos por: Stephanie Meyer, como minhas filhas. Então observando meus alunos, e procurando desenhar como aguçar o apetite por livros tracei um paralelo. Só vamos ler e entender aquilo que nos atraia. Se gostamos entendemos, Lemos o que queremos. Mas acreditamos que os casos que você citou aí na pergunta, são casos extremos e não vêm de regra, na maioria quanto mais os pais leem mais os filhos leram. O que vejo é os livros oferecidos para a garotada. Eu mesmo só depois de uma maturidade consegui ler um romance destes que oferecem na suveste. E vou dizer que prefiro outro tipo de literatura. Amo alguns nomes como: Machado de Assis, Clarice Lispector, Cecília Meireles, mas depois de uma passagem na faculdade com uma professora de
Literatura brasileira na faculdade não consigo mais ler nada de Clarice Lispector. Toda vez que pego um livro dela me vem a infeliz da professora na mente. Foi algo que me deixou muito triste, pois por causa dela quase não me formo tendo notas boas, mas por brira ela não aceitou meu atestado e quase reprovo por falta. Então ler prazerosamente depende também de quem te oferece a leitura. Vou lhe dar um exemplo que utilizei muito na escola com alunos de 5ª e 6ª séries: Tenho um projeto de Leitura. Pode verificar no meu Blog: http://cheetos2010.blogspot.com Escolho um livro que virou filme, nós assistimos ao filme e escolho um capítulo do livro que não teve a mesma emoção do filme e depois de ver essa passagem eu leio o capítulo com meus alunos. Bom o retorno foi 32 alunos de 35 lendo o livro inteiro. O Filme utilizado Harry Potter 6 O Enigma do Príncipe, o capítulo escolhido 27 assista o filme e depois leia o capítulo 27, tudo é muito rápido no filme, mas no livro a emoção toma a todos. Dos 35 alunos eu tinha 1 com necessidades especiais e 2 que escreviam seus nome, mas que depois da experiência foram conseguindo folheo no reforço e ao final do ano já conseguiam decodificar alguns textos mais complexos. Essa turma foi da 5ª série do Ano de 2011, hoje tenho uma 6ª série que conseguem se divertir muito com alguns recursos que temos. Foi oferecido há eles contos e 2 filmes irmãos Grimm e os 3 mosqueteiros filme de 2011, no Segundo semestre vamos assistir ao filme original e The Three Musketeers (1948) e ler o livro de Alexandre Dumas, um livro chamado contos Mal assombrados de Portugal e Espanha. Foi realizado um sarau em que cada aluno contaria um conto que leu terminando num picnic, e para um feed back real da professora sobre os contos lidos. Os alunos realizaram dois testes on line. Disponibilizado no blog. Leram com vontade, se apaixonaram pelas histórias teve aluno que leu o livro todo Caso de Charles e teve aluno que leu umas 4 vezes a história para poder contar direitinho caso do Carlos, houve alunos que desistiram de ler no meio da história e como o livro contava com 13 contos e foi dividido de forma que pelo menos 2 alunos leriam um mesmo conto, pois quem conta modifica um pouco, os contos foram contados da forma que cada um entendeu. O que desistiu voltou a ler novamente o conto até o final a fim de verificar se era mesmo daquela forma que acontecia a história. Temos que fazer com que os alunos encontrem fatores que tornem a leitura atrativa de alguma forma. Temos que conhecer o gosto dos alunos, por exemplo eu tenho alunos que nunca leram um conto de fadas por si só, mas adoram futebol então porque não indicar histórias que falam desse tipo de esporte. Há muitas histórias e livros sobre o assunto. A Internet ajuda. Então o princípio é:

a) Oferecer assuntos que dialogam com o indivíduo.
b) Oferecer assuntos que contemple o processo de mudanças que a idade oferece;
c) Oferecer assuntos do interesse dos alunos, para isso devemos conhecer nossos alunos, que pode ser através de conversas ou questionários sobre a identidade do aluno, questionários que eles adoram responder e o próprio FACEBOOK, Orkut são questionários que constroem um perfil;
d) Conhecer o que os pais leem em casa e como tratam da leitura e de que forma;
e) Oferecer subsídios para essa leitura;
f) Leitor não é aquele que lê romances de escritores consagrados, mas sim aquele que lê buscando algo que o complete de alguma forma;
g) O hábito de ler deve ser sempre despertado. Como? Simples descobrindo o que agrade o leitor quando ele lê, meu aluno não conseguiu chegar ao final do livro, deve ser repreendido por isso? Não. Devemos sim ajudá-lo a encontrar o que pode ser interessante nem que para isso ele desista de ler 1000 livros, acredito que ele encontrará o que o agrada.
h) Toda história lida dever ser compartilhada só assim saberemos se nossos alunos gostaram ou não. Quando entendem o que leram querem contar, e quando contam dizem significado a sua leitura.
i) Em séries iniciais devemos trabalhar leitura que tenham continuidade, trazer tudo que foi realizado sobre o assunto e que uma história sempre tem mais de um ponto de
vista.

j) Exemplo disso: podemos trabalhar a Pequena Sereia. Para Walter Disney ela termina feliz nos braços de seu amado, para outro escritor ela vira espuma do mar e assim sucessivamente, transformou-se em filme, virou seriado e a cada nova reescrita outras visões são mostrada, quer saber como Splash uma sereia em minha vida filme de 1984, H2O meninas sereias seriado de TV, que pode ser assistido no YOUTUBE.

k) Bom no Brasil podemos contextualizar com a mãe d’água fara, teve boneca e o tema sereia volta a toca com Piratas do Caribe 4 e fúrias de titãs. Um assunto rico, que pode trazer várias leituras. Mas o tema foi abordado de diferentes pontos. Podemos enriquecer o conhecimento dos alunos pedindo pesquisa no laboratório de informática e depois pequenos escritos sobre o que eles acreditam sobre o assunto Sereia. Toda leitura é valida mesma aquela que ele fará na internet. A orientação do professor sobre o material pesquisado é muito importante, pois nada que o aluno traga deva ser dispensado antes de uma explicação e o porquê será descartada.

l) Orientação, mediação são importantes nessa hora, lembrando processo de avaliação é todo o trabalho do aluno, nada deve ser descartado e devemos pensar que as notas são nesse momento símbolos, quando um aluno traz uma pesquisa que parece não ter valor é quando ele possui o maior valor, devemos orientar a pesquisa, sem que esse aluno seja exposto ao ridículo, mas atribuindo uma nota e orientando a pesquisa, explicando que a pesquisa não tem valor porque o site não é honesto em suas informações. E indicar sites que falem a linguagem do aluno e pedir uma comparação de pesquisa, ele tem que perceber a diferença de sites confiáveis e os que não são;

m) Pedir ajuda aos pais nesta questão, enviar atividades simples, mas que os pais participem de qualquer leitura, simples como um pequeno texto onde se faze um perfil, pode ser uma história pequena, com questões. Geralmente os pais tentam ajudar os filhos, quando esses os procuram, são 6 anos realizando esse tipo de pesquisa e nunca encontraram um pai, tio, avo ou responsáveis que não respondesse ou ajudasse o aluno a responder um pequeno questionário que todo os meses eu faço.

n) Construir perfil dos alunos;

o) Conhecer os livros que eles querem ler; Tarefa um pouco difícil para alguns professores, mas geralmente não para mim, adoro livros com linguagens jovem.

p) Traçar comentários com os que leram o livro e faze-los contar a partes importantes, despertando interesse em quem não leu;

q) Outro exemplo. Naruto a garotada adora isso, eu também, mas na TV só repete, há alunos que não tem computador para baixar os episódios, então porque não baixar os mangas e oferecer uma leitura do manga no laboratório da escola. Logico respeitando os que não gostam podemos colocar nas revistas teens on-line.

Eu só leio o que me da prazer, minhas filhas também só leem coisas que lhe dão prazer e assuntos que realmente fazem parte do que estou vivendo e vivenciando naquele momento. Por exemplo: um final de romance – Ler romances com finais felizes, poesias tristes histórias que façam com que eu veja finais felizes. Eu adoro Jane Austen – ela é um exemplo do que é ler e escrever por prazer. Ela nunca teve um final feliz com um amor, mas ela jurou que suas personagens teriam, você lê Jane Austen e se identifica com suas personagens.

Observe meus alunos e verifique que não importa de que camada eles venham, na realidade o hábito de ler, inicia-se na família e se essa família de alguma forma lê, e não importa o que lê, ele lerá, o que percebi até hoje é que não é questão de poder aquisitivo, mas sim a importância que pessoas que você considera idôneas, que você acredita, aquela que você considera e confia se ela lê, você lerá. Meus pais tinham pouca escolaridade meu pai 4ª série e minha mãe 3ª série, mas a leitura era importante para eles. Minhas filhas cresceram vendo meu dialogar com livros e assim elas dialogam com seus livros leem em torno de 15 livros em média por mês. Toda essa nova literatura Infantil Juvenil que esta no mercado.

Ler é ter prazer, ler é entender, ler é trocar experiências do que leu e querer que outros